

ANÁLISE DA "CONVERSAÇÃO LITERÁRIA" NUM TEXTO DE GRACILIANO RAMOS

Dino Pretti*

RESUMO: *Este texto procura definir as estratégias conversacionais usadas pelas personagens, no diálogo literário, para atingir seus objetivos na interação verbal, considerando-se as condições pragmáticas que cercam o diálogo construído. Um exemplo de um romance de Graciliano Ramos mostra as várias etapas que constituem uma teoria para a análise da "conversação literária".*

PALAVRAS-CHAVE: *Diálogo literário; estratégias conversacionais; variações lingüísticas; fatores pragmáticos na conversação.*

Considerações iniciais

Este texto se integra a um projeto iniciado na PUC/SP, com a participação de pós-graduandos, sobre o *discurso construído*, com base em textos da literatura brasileira.

Seus objetivos não são os de revelar como alguns de nossos prosadores realizaram o diálogo de suas personagens, com vistas a valorizar ou não suas obras, mas o de verificar como a língua escrita literária oferece exemplos expressivos de estratégias conversacionais que podem, às vezes, não ser encontrados na língua falada

* Pontifícia Universidade Católica de São Paulo – PUC-SP/Projeto NURC-SP (USP).

espontânea de todos os dias. A falta de naturalidade de certos textos gravados ou até a sua dificuldade em ser compreendidos contrasta freqüentemente com certos padrões ideais revelados pela "conversação literária", que poderiam até servir de modelos para a interação falada. (Cf. Tannen & Lakoff, 1996: 139).

Por outro lado, a perfeita apresentação dos "traços de enunciação" (Cf. Urbano, 2000: 21), por parte do narrador, mostra-nos os elementos pragmáticos essenciais para a compreensão do diálogo construído, de uma forma, às vezes, não perceptível a uma audiência, durante a realização de um diálogo espontâneo.

O texto literário aqui é encarado enquanto apenas *corpus* e seu estudo substituiria o exame de uma fita de gravação. Sua escolha é aleatória e, neste caso, servimo-nos de um segmento de um capítulo do romance *Angústia*, de Graciliano Ramos, publicado em 1936.

1. Texto de apoio

(Luís, trinta e cinco anos, funcionário público, "homem de ocupações marcadas pelo regulamento" tímido, encabulado diante das mulheres, feio, com seus "olhos baços, a boca muito grande, o nariz grosso", apaixonou-se por Marina, sua vizinha de dezoito anos, "sujeitinha vermelhaça, de olhos azuis e cabelos tão amarelos que pareciam oxigenados", sensual, mas "frívola, incapaz de agarrar uma idéia", em quem reconhece "certas inclinações imbecis ou safadas". Com intenção de casar-se rapidamente, procura aproximar-se da família da moça, D. Adélia e seu Ramalho, casal de condições muito pobres. A primeira, "senhora idosa, cheia de rugas, tranqüila, um pano amarrado à cabeça"; o segundo, "uma criatura seca por natureza e humilde por ofício".

Na cena que estudamos, é a primeira vez que Luís e D. Adélia se detêm para uma conversa mais longa.

– Boa tarde, D. Adélia. Como vai a senhora?

– Assim, assim, respondeu a mãe de Marina encostando-se à janela para esconder a saia encardida. Hoje em dia, quem é que vai bem?

Agora eu conhecia mais ou menos D. Adélia, falava com ela, parava na calçada às vezes: “ – Bom dia, boa tarde, sim senhora, como tem passado?” Conhecia também o marido, seu Ramalho, sujeito calado, sério, asmático, eletricista da Nordeste. Não gostava de mim, provavelmente por causa das minhas palestras com a filha. Quando estávamos entretidos, estourava ali por perto:

– Marina, venha lavar os pratos. Marina venha cuidar das panelas. Lugar de moça é na cozinha.

Ora se Marina lidava com pratos e panelas!

– Velho pau!

E continuava na prosa.

– Cuidado com o sereno, Marina.

– Se isto é coisa que se suporte!

Seu Ramalho era uma criatura seca por natureza e humilde por ofício. Tinha um sorriso franzido, um ombro alto e outro baixo. D. Adélia, bamba, a voz sumida, os olhos assustados, parecia viver escondendo-se. Agora estava resolvida a conversar. Seria a respeito do meu namoro com Marina? Suspirou, mexeu os beiços, tornou a suspirar:

– Tudo pela hora da morte, seu Luís.

– É verdade, tudo pela hora da morte, D. Adélia. A senhora já reparou nos preços dos remédios? A farmácia tem uma goela!

D. Adélia fez um gesto de desalento:

– Nem me fale. A gente não pode adoecer mais não, seu Luís.

Ficamos um instante calados, olhando a rua, constrangidos.

– Sim senhora, murmurei esfregando as mãos e sorrindo para o mulherão sardento.

– É isso mesmo, respondeu D. Adélia.

E depois de um silêncio comprido, enrolando as mãos no babado da roupa:

– Para sustentar uma casa a gente torce a orelha.

Concordei com alvoroço:

– Torce, D. Adélia. Que dúvida! Depois do dia vinte é preciso que uma pessoa se tranque para encurtar a despesa. Porque na rua é o café, o bilhete de teatro, a subscrição. Um horror.

– E o mercado, seu Luís! Quer chova, quer faça sol, é ali no duro. Ninguém pode passar sem comer.

– Perfeitamente, D. Adélia. Ninguém pode passar sem comer. E o pior é o aluguel da casa. O aluguel da casa, D. Adélia! Quanto paga a senhora pelo aluguel da casa?

– Cento e trinta mil réis. Um roubo.

– Eu pago cento e vinte. Um roubo maior, que aquilo não é casa. Uns quartinhos escuros, sujos. E tanto buraco de rato como nunca se viu. Uns ratinhos miúdos, deste tamanho, não sei se a senhora conhece, danados para roer pano. Não tenho um lenço inteiro, tudo furado.

– Aqui é o mesmo, declarou D. Adélia.

Deu um suspiro que elevou o peito volumoso, curvou-se mais para fora:

– Ó seu Luís, eu queria pedir-lhe um favor. Faz uma semana que estou matutando e sem coragem. Hoje botei a vergonha de banda.

